

Roteiro de Atividades

Romance

9º Ano | 4º Bimestre | 2º Ciclo

Versão do Professor

Apresentação

Caro professor, o Roteiro de Atividades, deste 2º Ciclo, novamente alia-se aos descritores propostos pelo Currículo Mínimo de Língua Portuguesa procurando trabalhar as habilidades e competências necessárias ao 9º ano do Ensino Fundamental.

No quarto bimestre do 9º ano do Ensino Fundamental, o texto gerador, como no primeiro ciclo, pertence ao gênero romance. *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles. Foi o texto escolhido por se tratar de obra significativa da literatura brasileira e por seu perfil atual.

Considerando a importância desta obra ficcional, que expõe fatos e acontecimentos da história recente de nosso país ainda pouco discutidos, sugerimos a leitura completa da obra, uma pesquisa do contexto histórico e político do período retratado na história, assim como discussão da temática que a obra propõe. Lembramos que se trata de obra ficcional, e, muito embora se pautem na realidade de um contexto histórico, político e social, as questões que suscita remetem-nos para variadas possibilidades interpretativas.

Esperamos que você explore ao máximo este material, abrindo a possibilidade para o desenvolvimento de outras atividades e experiências enriquecedoras que contribuam para sua formação e a de seus alunos.

Introdução ao texto gerador:

A obra intitulada *As meninas* foi publicada pela primeira vez em 1973. E é considerada um romance psicológico, por acompanhar o fluxo de pensamento, as dúvidas, as angústias e os questionamentos existenciais das personagens, trazendo suas histórias, seus pontos de vista, seus pensamentos e opiniões ao longo da obra.

Ambientada na grande São Paulo, durante a ditadura militar, conta a história de três meninas: Lorena Vaz Leme, Ana Clara Conceição e Lia de Melo Schultz, que apresentam personalidades e vivências muito diferentes que se entrecruzam no cotidiano do pensionato Nossa Senhora de Fátima local onde vivem, estudam, relacionam-se entre si e interagem com os outros personagens

Lorena é uma jovem de família rica que depois da perda trágica de seu irmão, viu o seu pai ser internado em um sanatório e sua mãe entregar-se à futilidade. A jovem passa o tempo à espera de uma ligação de M.N., médico casado por quem se apaixona, na esperança de que ele resolva assumir uma relação amorosa com ela.

Ana Clara vive seus dias entre relacionamentos amorosos e sexuais intensos, a vida de modelo, o vício das drogas e o envolvimento amoroso, ora com um traficante, ora com um homem mais velho e rico que ela detesta. Sua história familiar é bastante conturbada, é filha de prostituta, foi abusada sexualmente quando criança e por isso é incapaz de sentir prazer físico.

Lia é filha de Baiana – a mãe superprotetora – e de Alemão – o pai, um ex-militar nazista. Ela vai para São Paulo estudar Ciências Sociais e, durante seu curso, envolve-se na militância política contra a ditadura, onde presencia a prisão de seu namorado, o jovem Miguel.

Longe de narrar uma história com muitos episódios, a autora dedica sua obra a desenvolver os sentimentos e pensamentos das personagens. A alternância entre falas, pensamentos e lembranças das próprias personagens, ao longo do texto, é a estratégia usada por Lygia para apresentar aos leitores as vivências e as experiências de cada uma das meninas.

Texto gerador

Uma conversa e o futuro pela frente¹

1§ – Desde ontem ela não aparece. Telefonou dizendo que está na chácara do noivo.

2§ – Noivo. A senhora me desculpe, Madre Alix, mas Ana é o produto desta nossa bela sociedade, tem milhares de Anas por aí, algumas aguentando a curtição. Outras se despedaçando. As intenções de socorro e etecetera são as melhores do mundo, não é o inferno que está exorbitando de boas intenções, é esta cidade. Vejo a senhora sair com outras senhoras bondosas dando sopinha aos mendigos. Bons conselhos, cobertores. Eles bebem a sopinha, ouvem os conselhos e vão correndo trocar o cobertorzinho pelo litro de cachaça porque o dia amanheceu mais quente, pra que cobertor? Tudo continua como na véspera com uma noite de demência a mais fornecida pelo donativo. Um padre nosso amigo foi ensinar catecismo à menininha de nove anos que o pai vendeu pro bordel e quase morreu de tanto apanhar do agregado da proprietária. Aprendeu a lição, ô se aprendeu. Caridade individual é

¹ Este recorte, ao qual atribuímos um título para situar melhor a passagem, faz parte do capítulo seis da obra e traz a personagem Lia numa conversa com a Madre Alix, responsável pelo pensionato onde vivem as três meninas, Lorena, Ana Clara e Lia.

romantismo, cheguei a essa conclusão não faz muito tempo. Agora ele funciona com a gente mas dentro de outra perspectiva. *Nos esquecemos, nos descuidamos*, diz Bela Akhmadulina.² *E tudo caminha ao contrário.*

3§ – Vou até a garrafa térmica e me sirvo de mais café mas queria um sanduíche. Presunto e queijo. Uma abelha se debate contra a vidraça e de repente seu zunido fica mais importante do que nossa fala. Mas de onde veio essa abelha numa noite dessas? Gostaria de escrever como ela faz mel. E quase me dobro num riso desatinado, era bem doidona a cigarra da fábula com suas cantorias mas a formiga de vassoura na mão não ficava atrás.

4§ – Tinha tanta coisa que lhe dizer, filha. E já nem sei por onde começar. Essa sua política, por exemplo. Me pergunto se você está em segurança.

5§ – Segurança? Mas quem é que está em segurança? Aparentemente a senhora pode parecer muito segura aí na sua redoma mas é bastante inteligente pra perceber do que essa redoma está lhe protegendo. Alguns padres romperam o vidro como aquele de que lhe falei. Por acaso estão em segurança? Não. Nem estão pensando em segurança quando se deitam no colchão sem travesseiro ou quando rezam suas missas num caixote feito altar.

6§ – Ela sorriu. Um sorriso triste que me arrependi de provocar.

7§ – Mas não estou na redoma, Lia. É neste ponto que você se engana como se enganou também quando disse que eu queria lhe apontar a porta. Deus sabe que meu desejo maior é protegê-las e guardá-las para sempre, como se isso fosse possível. Se não interfiro, se não me aproximo é porque não quero que pensem em vigilância, fiscalização. Vocês bateriam as asas mais depressa ainda.

8§ – Pronto, magoou-se. Essa minha mania de discurso, baiano com subversão pode dar noutra coisa?

9§ – Não sei explicar, Madre Alix, mas o que queria dizer é que embora resguardada a senhora luta a seu modo, respeito sua luta. Respeito até a luta dos que querem nos destruir, respeito sim senhora, eles estão na deles. Como estamos na nossa, enfraquecidos, traídos, divididos, não calcula como estamos divididos. Mas vamos aguentando. Um que fique tem que correr como um cão danado pra passar o facho ao seguinte que recebe e sai correndo até o próximo que nem estava na corrida, entende? De mão em mão. É demorado mas não estamos mais com tanta pressa.

² Bela Akhmadulina foi uma poetisa contemporânea tida como uma das melhores da língua russa, nascida em 1937, faleceu em 2010.

10§ – Facho, Lia? Você fala em facho, mas o que vejo é um levar ao outro violência, morte. Um rastro de sangue é o que vocês vão deixando por onde passam. Temos um Condutor Supremo e do Seu esquema transcendente a violência foi riscada. A espiritualidade...

11§ – Olha aí, vitória da espiritualidade. Arranco uma lasca da unha que vem com um fiapo de pele. O sangue brota. Chupo o dedo. Uma bala dum-dum no peito doeria menos.

12§ – O Bezerro de Ouro até está instalado na praça e a senhora me fala em espiritualidade. Os adoradores não são espirituais porque são adoradores, entende? O povo não é espiritual porque o povo quer fazer parte da adoração e não pode nem chegar perto, está desesperado, aquele brilho, aquele exemplo de conforto, gozo. Esses desastres, esses crimes, tudo isso é desespero, o povo está sem esperança e nem sabe. Então fica subindo nos postes, dando tiro à toa, bebendo querosene e gasolina de aflição. Medo. Eu estava assim desorientada. Agora sei o que fazer.

13§ – Violência, também?

14§ – Não consigo mais ficar sentada, me levanto. Assumo o risco. – Não, Madre Alix. Confesso que estou mudando, a violência não funciona, o que funciona é a união de todos nós para criar um diálogo. Mas já que a senhora falou em violência vou lhe mostrar uma – digo e procuro o depoimento que levei pra mostrar ao Pedro e esqueci. – Quero que ouça o trecho do depoimento de um botânico perante a Justiça, ele ousou distribuir panfletos numa fábrica. Foi preso e levado à caserna policial, ouça aqui o que ele diz, não vou ler tudo: *Ali interrogaram-me durante vinte e cinco horas enquanto gritavam, Traidor da pátria, traidor! Nada me foi dado para comer ou beber durante esse tempo. Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resisti e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me então a aplicar choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fétidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante*

dos joelhos, atrás das quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e nas mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os tímpanos, mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido as algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas. E etecetera, etecetera.

15§ – Dobro a folha. Madre Alix me encara. Os olhos cinzentos têm uma expressão afável.

16§ – Conheço isso, filha. Esse moço chama-se Bernardo. Tenho estado muito com a mãe dele, fomos juntas falar com o Cardeal.

17§ Agora é que eu não sei mesmo o que pensar. Muito especial, diria a Lorena. Nunca ninguém me deu tanto essa ideia de união de gelo e fogo como ela me dá. Tinha empalidecido mas está de novo corada, as veiazinhas se cruzando na superfície da face numa rede fina como se fosse feita de cabelos rompidos aqui e ali, as pontas meio perdidas se buscando adiante e se dando as mãos até formar um só todo transcendente e indefinível como o ser único desse seu universo. Um universo que é o da sua infância. A própria infância da humanidade.

18§ – Boa noite, Madre Alix. Gostei muito de conversar com a senhora.

19§ – Toma cuidado, Lia. Não quero que você sofra, toma cuidado, eu peço.

20§ – Sou forte à beça.

21§ – Não, Lia. Vocês são frágeis, filha. Você, Lorena. Quase tão frágeis quanto Ana Clara. Haja o que houver, não deixe de me dar notícias. Conte comigo.

22§ – Vou lhe mandar meu diário, Madre Alix. Ao invés de cartas, um diário de viagem!

23§ – Ela me acompanha até a porta.

24§ – Posso lhe dar uma epígrafe? É do Gênesis, aceita? – pergunta e sorri. *Sai da tua terra e da tua parentela e da casa de teu pai e vem para a terra que eu te mostrarei.* É o que você está fazendo – acrescentou. Hesitou um pouco: – É o que eu fiz. TELLES, Lygia Fagundes. *As Meninas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (P.146-151).³

³ Esta edição integra o PNBE 2009 (Programa Nacional Biblioteca Escolar) que, utilizando recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, o FNDE, disponibiliza obras para leitura juntos as escolas.



Atividades de Leitura

Questão 1

Habilidade trabalhada

- Identificar foco narrativo, espaço, tempo, personagem, conflito e desfecho.

Observe o trecho que segue e faça o que se pede:

“Ali interrogaram-me durante vinte e cinco horas enquanto gritavam, Traidor da pátria, traidor! Nada me foi dado para comer ou beber durante esse tempo. Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político”.

O foco narrativo é dado pelas pessoas do discurso que, no texto, podem ser evidenciadas tanto pelo uso de pronomes como das flexões verbais. Assim, se o foco narrativo está na primeira pessoa, teremos os pronomes eu (1ª pessoa do singular) ou nós (1ª pessoa do plural). Se o foco narrativo for de terceira pessoa, teremos os pronomes ele/ela (3ª pessoa do singular) ou eles/elas (3ª pessoa do plural). Assinale a alternativa, a seguir, que NÃO explicita o mesmo foco narrativo do que se encontra no trecho destacado:

- “ Pronto, magoou-se. Essa minha mania de discurso” (parágrafo 8)
- “Vou até a garrafa térmica...” (parágrafo 3)
- “ Ela sorriu. Um sorriso triste...” (parágrafo 6)
- “Gostei muito de conversar com a senhora.” (parágrafo 18)

Resposta Comentada

O narrador é aquele que fala contando a história e, por isso, a estrutura. Para designarmos a função do narrador na história, falamos em foco narrativo ou em ponto de vista (do narrador ou da narração), que se refere à posição, ou perspectiva, do narrador frente aos fatos narrados. Assim, teríamos dois tipos de narrador, identificados, por exemplo, pelo pronome pessoal empregado na narração: primeira ou terceira pessoa do discurso.

No trecho que se destacou do texto gerador, o foco narrativo está em primeira pessoa. Observa-se o uso de pronomes de primeira pessoa como *me* e *eu*, que justificam essa perspectiva na construção da sequência. A resposta pode ser dada a partir dessa perspectiva. Sendo assim, temos, na opção A, o pronome possessivo “*minha*”, que se refere à primeira pessoa do discurso (*eu*). Na opção B, teremos a forma verbal “*Vou*”, que se refere também à primeira pessoa do discurso no singular (*eu*). A passagem presente na opção C – que é a resposta adequada para o item – não evidencia o foco narrativo em primeira pessoa, mas em terceira pessoa – o apesar de, continuação do trecho (“*que me arrependi de provocar*”), a primeira pessoa ficar evidenciada pelo pronome “*me*” ou pela forma verbal “*arrependi*”. Na opção D, temos a forma verbal “*gostei*” que tem como sujeito a primeira pessoa do singular.

Para responder a essa pergunta é necessário atentar para a distinção entre os focos narrativos de primeira e terceira pessoas, observando as pessoas do discurso. Em obra intitulada *Português Língua e Literatura*, volume único, Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara e Tatiana Fadel apresentam o Capítulo 9 dedicado ao estudo do sintagma verbal e dizem:

Pessoa – Marcam-se formalmente, nas formas verbais, as chamadas pessoas do discurso (...) Assim, a forma verbal estará na primeira pessoa se fizer referência à primeira pessoa do discurso, a pessoa que fala (*eu trabalho, nós trabalhamos*) (p.136).

Sobre o narrador em 1ª pessoa, explica que o chamado narrador personagem, por participar diretamente do enredo, sofre limitações na sua perspectiva de observação. A autora apresenta duas variantes desse tipo de narrador: o narrador testemunha e o narrador protagonista. O primeiro narra acontecimentos dos quais tomou parte – sem que necessariamente seja o personagem principal –, mesmo que sem grande destaque. Exemplo disso é a participação desse tipo de narrador em *Amor de salvação*, de Camilo Castelo Branco, no qual o narrador é

amigo de Afonso de Teive, personagem principal; do reencontro dos dois, depois de alguns anos decorridos da amizade na época da universidade, nasce a história tentando aproximar o jovem boêmio idealista Afonso, do pai careca e barrigudo, que o narrador vê diante de si.

A outra variante é o narrador protagonista como Bento, personagem de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que se tornou célebre por dar sua versão sobre a possível traição de Capitu, seu grande amor.

- ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira & FADEL, Tatiana. Coleção base: português. Volume único - Português Língua e Literatura, 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000. (p.136)
- GANCHO, Cândida V. Como analisar narrativas. São Paulo: Ática, 1999.



Atividade de Leitura

Questão 2

Habilidade trabalhada

- *Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências de conteúdo.*

Uma narrativa é o relato de acontecimentos, reais ou fictícios. Os fatos são relatados depois que aconteceram, na realidade ou na ficção. A forma verbal empregada para relatar acontecimentos é o pretérito, como a passagem: *Pronto, magoou-se.*

Podemos observar, no fragmento do romance *As meninas*, também o emprego do presente do indicativo pelo narrador, como mostra este trecho: *Olha aí, vitória da espiritualidade. Arranco uma lasca da unha que vem com um fiapo de pele. O sangue brota. Chupo o dedo. Uma bala dum-dum no peito doeria menos.* Marque a hipótese mais adequada para justificar a presença do presente do indicativo pelo narrador, no fragmento que lemos do romance *As meninas*.

- a) Indicar que o narrador conta algo que acontece habitualmente.
- b) Tornar o texto mais vivo como se o diálogo estivesse acontecendo diante dos olhos do ouvinte ou leitor.
- c) Marcar fatos que tiveram forte impacto emocional no narrador.
- d) Marcar ,acontecimento provável, de realização futura.

Resposta Comentada

A construção de uma narrativa prototípica prevê que, como os fatos se dão em momento anterior ao que é contado, utilizem-se os tempos do pretérito na exposição dos fatos, ou seja, o pretérito não é empregado apenas para exprimir uma ideia de passado; ele também serve para indicar que o texto é uma narrativa.

Os fatos reais só podem ser relatados depois de acontecidos, e os fictícios têm de ser tratados como se já tivessem acontecido, para que haja a ilusão de verdade.

Weinrich (cf. Koch, 1996) observa que as situações comunicativas se dividem em dois grupos, o mundo comentado e o mundo narrado. No mundo narrado temos os relatos, literários ou não. De acordo com esse pesquisador, nesse tipo de relato, o narrador mantém-se numa atitude mais imparcial, sem maior envolvimento. No mundo comentado, as situações comunicativas não se apresentam apenas como relatos; percebem-se as características das atitudes dos personagens, passando maior carga de emotividade para o leitor.

Todas as alternativas se referem ao uso do presente. Esse tempo pode estar empregado com o objetivo de apresentar um fato habitual, como neste trecho, em que se encontra a fala de um personagem: *Eles bebem a sopinha, ouvem os conselhos e vão correndo trocar o cobertorzinho pelo litro de cachaça porque o dia amanheceu mais quente, pra que cobertor?* O emprego desse tempo pelo narrador, entretanto, não tem essa finalidade, Portanto, a opção A está incorreta.

A opção B se refere ao emprego do presente nos diálogos, porém, nessa questão, estamos analisando o emprego do presente do indicativo pelo narrador, logo, também está incorreta. A opção D se refere ao emprego do presente com valor de futuro, em enunciados que exprimem uma ação tida como certa pelo sujeito, porém vemos que o narrador não está se referindo a ações futuras. Desse modo, essa opção está incorreta.

Observamos as intervenções do narrador marcadas pelo emprego do verbo no pretérito perfeito e no presente do indicativo. É comum, num relato de acontecimentos, o narrador empregar o pretérito perfeito do indicativo e, de repente, passar a empregar o presente do

indicativo com valor de passado. Nesse caso, ele tem a intenção de destacar os fatos que lhe marcaram profundamente. Portanto, a opção C é a correta, pois o narrador passou do tempo narrado, cuja função é apenas relatar os fatos, mantendo uma certa distância, para passar para o comentário, mostrando maior envolvimento nos acontecimentos.

- KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 1996. p.37-48.
- OLIVEIRA, Helênio Fonseca. *Descrição do português à luz da linguística do texto*. UFRJ, 2001.



Atividade de Leitura

Questão 3

Habilidade trabalhada

- *Identificar foco narrativo, espaço, tempo, personagem, conflito e desfecho.*

No romance, a indicação do lugar onde acontece a história pode se dar pelas pistas que o cenário (lugar onde acontece a ação) e seus objetos presentes mostram. Algo parecido ocorre com o tempo em que se passa a história: podemos ter uma pista do momento, hora, data ou outra indicação de quando acontece o que é contado. No terceiro parágrafo, temos a indicação do lugar e do tempo em que acontece a conversa entre Madre Alix e Lia. Identifique em que local e quando se passa a conversa entre elas:

- a) Dentro de casa pela manhã.
- b) Dentro de casa à noite.
- c) No quintal pela manhã.
- d) No quintal à noite.

Resposta Comentada

A resposta correta é a letra B. Para responder adequadamente a essa questão, que trabalha o espaço e o tempo da narrativa, torna-se necessário inferir que o fragmento da história se desenvolve em um espaço interior, no qual se percebem objetos, como garrafa de café, copos e uma vidraça que separa as duas personagens que conversam da abelha, que está do lado de fora. O trecho: “Mas de onde veio essa abelha numa noite dessas?” (parágrafo 3) traz a referência à temporalidade em que se passa a conversa entre as duas personagens: durante a noite.

Na obra *Como analisar narrativas*, Cândida V. Gancho, apresenta o espaço como o lugar onde se passa a ação em uma narrativa. Este tem a função de situar as ações dos personagens e estabelecer a interação entre eles. O espaço também pode ser alterado ou transformado pelos personagens e ainda pode influenciar suas atitudes, pensamentos ou emoções. Os fatos de um enredo estão ligados ao tempo em relação à época em que se passa a história e à duração da história. A obra *Ler e compreender os sentidos do texto*, de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias traz importantes informações que podem auxiliar a compreensão do gênero textual romance, em relação às inferências necessárias para a descoberta dos seus sentidos. As autoras apresentam estratégias de leitura de diferentes gêneros narrativos que podem também ser aplicadas ao gênero romance. Chamamos atenção especial ao capítulo 3, *Texto e contexto*, em que há a seguinte explicação:

a leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (p.57).

Assim, para a produção de sentido de uma obra, seria imprescindível levar em conta o seu contexto ou “um conjunto de suposições, baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto.” (p.64). Em outras palavras, para interpretar textos torna-se necessário, muitas vezes, inferir ou fazer antecipações de seu conteúdo.

- GANCHO, Cândida V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1999.
- Koch, Ingedore Villaça & Elias, Vanda Maria. *Ler e Compreender os sentidos do texto*. 2 ed. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. (p.57 e 64)



Atividade de Leitura

Questão 4

Habilidade trabalhada

- *Identificar foco narrativo, espaço, tempo, personagens, conflito e desfecho.*

Podemos caracterizar os personagens de variadas formas. Aqueles mais complexos, que apresentam muitas particularidades, podem ser analisados por suas características físicas, pelo seu modo de pensar, pelo seu comportamento, pela sua classe social e também pela sua personalidade ou estados de espírito. No trecho do capítulo 6, do livro *As Meninas*, vemos a conversa entre dois personagens: Lia e Madre Alix. De acordo com as falas de Lia, podemos identificá-la psicologicamente, isto é, de acordo com sua personalidade como:

- a) Uma personagem de características românticas, crente na bondade e nas boas intenções das pessoas.
- b) Uma personagem que representa os moços típicos da sociedade dos anos 70, do século passado, influenciados pelos hábitos consumistas da juventude dos Estados Unidos.
- c) Uma personagem cética, com grande poder de persuasão, que procura convencer Madre Alix a aderir a seus hábitos consumistas.
- d) Uma personagem com espírito revolucionário, bastante engajada politicamente, que acredita ser capaz de mudar o mundo com sua ideologia.

Resposta Comentada

O texto gerador mostra a conversa entre as personagens Lia e Madre Alix. A jovem, revolucionária, que acredita em profundas mudanças sociais e políticas ocasionadas pela guerrilha, mostra-se um pouco cética em relação ao comportamento da religiosa, que, numa posição oposta, mais ponderada, procura fazer com que Lia perceba os perigos pelos quais passa. De

acordo com seu ponto de vista, Madre Alix chega a considerar inconsequentes as atitudes de Lia, como mostra este trecho: *Facho, Lia? Você fala em facho, mas o que vejo é um levar ao outro violência, morte. Um rastro de sangue é o que vocês vão deixando por onde passam.*

O item A está incorreto, pois Lia não acredita na bondade das pessoas; a personagem pode até ser considerada romântica pelo fato de acreditar em seus ideais, na luta de seu grupo para destruir a Ditadura em nosso país. O item B também está incorreto porque, nos anos de 1970, a juventude dos Estados Unidos vivia uma época de protestos contra o governo, que se empenhava em enviar milhares de jovens para guerra no Vietnã. Nessa época, surgiu o movimento *hippie*, cujo lema era “Faça amor, não faça a guerra” A opção C também está incorreta, pois não há mostras de hábitos consumistas no personagem. Portanto, a opção correta é a D, que pode ser confirmada por meio desta passagem:

– Não sei explicar, Madre Alix, mas o que queria dizer é que embora resguardada a senhora luta a seu modo, respeito sua luta. Respeito até a luta dos que querem nos destruir, respeito sim senhora, eles estão na deles. Como estamos na nossa, enfraquecidos, traídos, divididos, não calcula como estamos divididos. Mas vamos aguentando. Um que fique tem que correr como um cão danado pra passar o facho ao seguinte que recebe e sai correndo até o próximo que nem estava na corrida, entende. De mão em mão. É demorado mas não estamos mais com tanta pressa.

Como vemos, Lia, embora admita a fragilidade de seu grupo, tem esperanças em mudanças provocadas pelas ações do movimento ao qual pertence.

O professor pode pedir aos alunos que identifiquem as características psicológicas de Madre Alix, com base em seu comportamento e no vocabulário empregado, pois como sabemos, a palavra é ideológica. Na interação verbal, a palavra se concretiza como signo ideológico. Vemos que Madre Alix, independente de sua formação religiosa, tem um discurso bem realista, equilibrado. Podemos observar que essa personagem procura fazer com que Lia perceba que suas ações e de seu grupo são carregadas de violência. Em nome de um ideal de combate às injustiças e atrocidades cometidas pelas pessoas responsáveis pelo governo do país, aqueles jovens guerrilheiros também praticam atos violentos, como podemos ver nesse trecho: - *Facho, Lia? Você fala em facho, mas o que vejo é um levar ao outro violência, morte. Um rastro de sangue é o que vocês vão deixando por onde passam.*

É interessante também mostrar ao aluno que, embora Madre Alix seja uma pessoa firme, corajosa, não deixa de ser influenciada pelo discurso religioso, pois as nossas ações e falas sempre sofrem influência da ideologia do grupo social ao qual pertencemos, como mostra esta fala: – Posso lhe dar uma epígrafe? É do Gênesis, aceita? – pergunta e sorri. *Sai da tua terra e da tua parentela e da casa de teu pai e vem para a terra que eu te mostrarei.*

Lia chega a se convencer de que ela e seu grupo não estão agindo adequadamente, como estas palavras comprovam: – *Não, Madre Alix. Confesso que estou mudando, a violência não funciona, o que funciona é a união de todos nós para criar um diálogo.*

O trabalho com outras linguagens também é bem interessante. O professor pode pedir aos alunos que façam uma leitura dramatizada do fragmento lido ou de outra passagem do romance, que pode ser encontrado na biblioteca da escola. Esse tipo de atividade levará o aluno a fazer uma leitura em voz alta, com observação da entoação, respeitando a pontuação relacionada à oralidade.

Professor, informações sobre características de personagens poderão ser obtidas nas seguintes obras:

- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*, São Paulo: Editora Ática, 1997, p.14-20.
- ABDALA Junior, Benjamim. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Editora Scipione, 1995, p.40-46.
- Informações sobre a influência da ideologia no discurso poderão ser vistas em:
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.15-59.



Atividade de Leitura

Questão 5

Habilidade trabalhada

- *Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências do conteúdo.*

No trecho:

“- Não sei explicar, Madre Alix, mas o que queria dizer é que embora resguardada a senhora luta a seu modo, respeito sua luta. Respeito até a luta dos que querem nos destruir, respeito sim senhora, eles estão na deles. Como estamos na nossa, enfraquecidos, traídos, divididos, não calcula como estamos divididos. Mas vamos aguentando. Um que fique tem que correr como um cão danado pra passar o facho ao seguinte que recebe e sai correndo até o próximo que nem estava na corrida, entende. De mão em mão. É demorado mas não estamos mais com tanta pressa”

A personagem Lia parece tentar consertar algo de errado feito anteriormente.

- a) Por que Lia teria de se retratar?
- b) Justifique com elementos do texto.

Resposta Comentada

O item A sugere que o aluno precisa visitar outras partes do texto para compreender o que se pede. Por isso, podemos aproveitar a oportunidade e mostrar aos alunos como é importante o (re)conhecimento do contexto para que se obtenha o máximo dos sentidos do texto. Espera-se que o aluno verifique o arrependimento da personagem Lia ao tratar com rispidez o seu interlocutor.

O item B mostra-se relevante para que o aluno comprove os caminhos pelos quais obteve a resposta do item A. Vejamos o que nos diz Pauliukonis (2004, p.5):

Se no trabalho com a Gramática da frase ou com a do texto, ensina-se o aluno a reconhecer e a decodificar uma estratégia específica de produção de sentido, quando a encontrar em outros textos ou concretizá-la em seu próprio texto, terá possibilidade de ver que ela produzirá, por ser uma técnica, os mesmos efeitos de sentido, ressalvadas as especificidades do contexto. Assim, é possível ensinar a interpretar e a produzir textos, com parâmetros ou instruções de *como* decifrar ou utilizar as estratégias de produção de sentido que poderão estar presentes nos mais diversos gêneros



Atividade de Uso da Língua

Questão 6

Habilidades trabalhadas

- *Distinguir variações nas formas de introduzir as falas dos personagens.*
- *Reconhecer o discurso direto como meio de presentificar as falas.*

Em textos narrativos, a reprodução fiel das palavras de personagens é feita pelo discurso direto. Em geral, o narrador indica ou introduz a fala do personagem com o emprego dos chamados *verbos de dizer*, como *falar, dizer, perguntar, responder, indagar*. As falas de personagens se seguem, marcadas, em geral, pelo travessão. No fragmento que lemos da obra *As meninas*, observamos muitos diálogos marcados somente pelo travessão, sem que o narrador faça a indicação ou a introdução dessa fala, utilizando um *verbo de dizer*.

Transcreva, do texto, o trecho em que a autora utiliza um verbo *dicendi*.

Resposta Comentada

De acordo com Cunha e Cintra (1985), um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos *dicendi* que podem introduzi-lo, arrematá-lo ou nele se inserir.

Observemos esta passagem:

– *Posso lhe dar uma epígrafe? É do Gênesis, aceita?* – pergunta e sorri.

Podemos ver que a personagem fala diretamente, sem que tenha sido indicado anteriormente, e o narrador se encarrega de esclarecer quem falou e como falou. De acordo com as palavras de Cunha e Cintra, portanto, a fala do personagem foi arrematada pelo verbo *dicendi*.

Como no fragmento lido não temos as outras formas tradicionais de discurso direto, poderíamos reescrever a mesma passagem, de acordo com os modelos tradicionais.

- a) Madre Alix pergunta e sorri:
– Posso lhe dar uma epígrafe? É do Gênesis, aceita?
- b) – Posso lhe dar uma epígrafe? – Madre Alix pergunta e sorri – É do Gênesis, aceita?

Como observam Cunha e Cintra (op.cit.), na ausência de um dos verbos *dicendi*, o contexto e os recursos gráficos, como dois pontos, aspas, travessão e mudança de linha, assumem a função de indicar a fala do personagem, como podemos ver no seguinte excerto:

– *Boa noite, Madre Alix. Gostei muito de conversar com a senhora.*

– *Toma cuidado, Lia. Não quero que você sofra, toma cuidado, eu peço.*

– *Sou forte à beça.*

Modernamente, há variadas formas de registro de fala de personagem, como podemos ver na obra de Lygia Fagundes Telles.

Vejamos este trecho:

Muito especial, diria a Lorena.

Vemos, na passagem anterior, a suposta fala de outra personagem separada do discurso do narrador por meio de uma vírgula.

O discurso direto que aparece no trecho seguinte também causa um efeito bem original:

(...) Caridade individual é romantismo, cheguei a essa conclusão não faz muito tempo.

Agora ele funciona com a gente mas dentro de outra perspectiva. *Nos esquecemos, nos descuidamos*, diz Bella Akhmadulina. *E tudo caminha ao contrário.*

Vê-se, nesse excerto, que a personagem Lia, em sua fala, em discurso direto, introduz outra voz, no caso, versos de uma poeta russa, Bella Akhmadulina, – *Nos esquecemos, nos descuidamos/ E tudo caminha ao contrário.* Observa-se que a indicação desse outro discurso foi feita por meio de destaque em itálico.

No fragmento lido, há, ainda, outras interessantes passagens, como esta:

Não consigo mais ficar sentada, me levanto. Assumo o risco. –Não, Madre Alix. Confesso que estou mudando, a violência não funciona, o que funciona é a união de todos nós para criar um diálogo. Mas já que a senhora falou em violência vou lhe mostrar uma – digo e procuro o depoimento que levei pra mostrar ao Pedro e esqueci.

Podemos ver que nessa construção com discurso direto, ao contrário do que recomenda a tradição gramatical, a fala da personagem é marcada pelo travessão, sem haja mudança de parágrafo. Percebe-se também a ausência dos dois pontos na fala do narrador. O *verbo de dizer ou verbo de elocução* se coloca após essa fala, levando o leitor a participar da construção de sentido do texto, na identificação das duas instâncias da enunciação, isto é, o narrador e o personagem.

Professor, é interessante chamar atenção para o efeito causado pelas últimas construções. Tais recursos colocam as personagens diante do leitor mais diretamente, permitindo que sua caracterização seja feita de forma mais viva, a partir de suas peculiaridades de expressão e de suas escolhas lexicais, ou seja, a escolha do vocabulário utilizado, sem a intervenção narrador, como observa Garcia (1995).

Como os exemplos mostraram, a escrita inovadora da autora, tanto no conteúdo quanto na forma, justifica o lugar de destaque ocupado pelo romance *As meninas* nas páginas da literatura brasileira.

O item A está incorreto pelo fato de esse tipo de apresentação de discurso direto ser perfeitamente previsível pelas regras da língua. É muito comum a fronteira entre o discurso do narrador e o discurso do personagem ser marcada somente pelo travessão. O discurso direto não traz qualquer tipo de problema ao ato de leitura, como afirma a opção B; muitas vezes o discurso direto é empregado para dar mais clareza a um acontecimento já relatado pelo narrador. A opção D está incorreta porque o discurso direto aparece também em textos não ficcionais. Nesse caso, o narrador tem a intenção de se eximir da responsabilidade daquilo que está sendo dito, delegando a voz, portanto, ao autor do discurso, da declaração. As aspas também são muito empregadas com a mesma finalidade, para destacar as expressões utilizadas pela pessoa a quem o narrador se refere. Esse procedimento do narrador exige atenção do leitor, porém esse recurso não é exclusivo do texto ficcional

A opção correta é a C. A presença do discurso direto, sem a interferência do narrador, dá mais dinamismo ao texto, além de acentuar o efeito de realidade e passar a ilusão ao leitor de proximidade à situação de enunciação, como observa Fiorin (1996)

A reescritura de uma fala de personagem em discurso indireto é uma interessante atividade que leva o aluno a perceber as diferenças de sentido das duas formas de discurso citado. Ele notará que os advérbios indicarão distanciamento de tempo e espaço, os pronomes poderão aparecer em terceira pessoa e os verbos no passado. Poderá surgir, até mesmo, o ponto de vista do narrador, de acordo com a seleção dos verbos *dicendi*, como *lamentar*, *queixar-se*, *gemer*, *ironizar*, entre outros. Lembramos que não há necessidade de o aluno trabalhar com essa nomenclatura, verbos *dicendi* ou verbos de *elocução*. Poderíamos simplificar com a expressão *verbos de dizer*.

Uma atividade que pode levar o aluno a ampliar seu vocabulário e capacidade de expressão é fazer a reescritura de uma passagem em discurso indireto, com o emprego do verbo *dicendi* de uma área semântica diferente, isto é, verbos que tenham outros traços de significado. O professor pode pedir ainda que cada aluno ou cada dupla leia para os colegas a oração reescrita e apresente a razão de tal escolha. Observar que, de acordo com o verbo *dicendi* escolhido, a oração apresentará uma mudança semântica, isto é, de significado.

Dizemos que palavras pertencem a uma mesma área semântica quando têm um traço semântico comum, ou seja, uma unidade de significado ou característica semântica semelhante. As áreas semânticas distribuídas por Garcia (1995, p.131) são: verbos de dizer (declarar, afirmar), de perguntar (indagar, interrogar), de responder (retrucar, replicar), de contestar (negar, objetar), de concordar (assentir, anuir), de exclamar (gritar, bradar), de pedir (solicitar, rogar), de exortar (animar, aconselhar), de ordenar (mandar, determinar).

O professor pode pedir também aos alunos a seleção de passagens que apresentem discurso direto mais inovador e propor sua reescritura de acordo com os modelos da gramática da língua.

Obras de referência

- BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.p. 284-293.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luiz F. Lindley .Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985. p.618-619.
- FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação. São Paulo: Editora Ática, 1996.p.59-255.p. 72-83.
- GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. p. 131.



Atividade de Uso da Língua

Questão 7

Habilidade trabalhada

- *Observar os nexos lógicos do texto, empregando adequadamente os tempos e modos verbais.*

Como observamos, no fragmento do romance *As Meninas* lido, há o predomínio de discurso citado ou discurso direto, ou seja, falas de personagens. Nota-se, nessas falas, o predomínio do verbo no presente do indicativo, que causam certo efeito no texto. Marque a alternativa referente ao efeito de sentido causado pelo verbo no presente do indicativo às falas dos personagens.

- a) Torna o texto com um ritmo lento ao expressar fatos que acontecem habitualmente.
- b) Torna a narrativa mais tensa, passando para o leitor a ilusão de presenciar a cena no momento em que acontece.
- c) Torna o acontecimento mais presente, mais objetivo, pois o fato ocorre para depois ser relatado.
- d) Torna as cenas mais presentes para o leitor pois as palavras dos personagens são incorporadas ao discurso do narrador.

Resposta Comentada

Percebemos que no excerto lido há um predomínio de discurso direto, em que Lia e Madre Alix discutem sobre a postura assumida por cada uma, em relação ao momento histórico por que passa o país.

O discurso direto, geralmente, cria um efeito de sentido de realidade, pois dá a impressão de que o narrador repete aquilo que disse o interlocutor. De acordo com Fiorin (1996), no discurso direto temos o simulacro de uma conversa. Percebemos, na passagem lida, um número reduzido de verbos *dicendi*, pois o narrador delega voz aos personagens de forma direta, sem uma introdução.

Podemos ver que os verbos empregados no discurso direto estão no presente do indicativo. Desse modo, os tempos da fala dos personagens estão relacionados a um momento de referência presente. Este coincide com o momento da enunciação, que seria o processo de transformação da língua em discurso, supondo a interação entre o falante, o locutor, e aquele a quem se dirige, o alocutário. O diálogo, sendo a reprodução literal da fala do personagem, é um simulacro da enunciação, construído por intermédio do discurso do narrador, segundo Fiorin (1996), com marcas de subjetividade próprias, isto é, as referências dêiticas estão ligadas a um *eu* que fala, com emprego de pronomes e advérbios relacionadas à pessoa que fala, num tempo presente.

Na classificação dos tempos verbais, de acordo com Weinrich (Koch, 1996) os tempos verbais do modo indicativo são classificados em tempos da narração e tempos do comentário. Em linhas gerais, os tempos da narrativa seriam os tempos do pretérito, em que o narrador mantém uma atitude de distanciamento dos fatos narrados. O presente do indicativo é considerado um tempo de comentário, pois exprime maior engajamento de quem o utiliza, tornando o texto mais tenso. Esse tempo presentifica o discurso e passa para o leitor a ideia de participação maior nos fatos que comenta.

Outros elementos presentes no discurso direto contribuem para imprimir certa verossimilhança ao texto, isto é, a ilusão de realidade. À guisa de informação, vejamos outros elementos que podem imprimir ao discurso direto um efeito de realidade:

Em relação ao emprego de pronomes, podemos ver esta passagem:

As intenções de socorro e etcetera são as melhores do mundo, não é o inferno que está exorbitando de boas intenções, é esta cidade.

Vemos que o pronome demonstrativo *esta*, que aparece na fala do narrador, indica proximidade espacial e temporal de quem fala; no caso, o personagem se refere à cidade em que vivia.

Há, na narrativa, outros recursos que contribuem para que o discurso citado ou discurso direto passe uma ilusão de que a conversa se apresenta para o leitor no momento de sua produção.

Foi preso e levado à caserna policial, ouça aqui o que ele diz, não vou ler tudo:

Olha aí a vitória da espiritualidade.

Agora é que eu não sei mesmo o que pensar.

Vemos, nas frases anteriores, *aqui*, *aí* e *agora* relacionados ao ato de fala. *Aqui*, na conversação, tem o emissor como ponto de referência, não propriamente para indicar o objeto, no caso, a carta, mas para chamar atenção de seu interlocutor, dando mais realce ao enunciado. Isso se confirma pelo fato de termos a possibilidade de suprimir esse termo da frase.

Outra marca de conversação é o termo *aí*, relacionado ao receptor, no momento da enunciação. Percebe-se que essa palavra não exerce a função estrita de um dêitico espacial; há presente certa carga irônica do emissor no ato de fala, que se dirige ao interlocutor da conversa.

Agora também não se apresenta para dar uma indicação temporal, porém para expressar certa carga de emotividade do emissor, provocada por uma situação no momento da conversação.

Esta passagem é também significativa, no sentido de presentificar a fala do personagem:

Aprendeu a lição, ô se aprendeu.

A interjeição, termo próprio da oralidade, também torna bem próxima de nós a fala do personagem.

Como vemos, há, no discurso direto, recursos de várias ordens para caracterizá-lo:

- a) gramaticais- a introdução pelos verbos *dicendi* e as operações com os tempos verbais;
- b) gráficos- como mudança de parágrafo antecedida pelos dois pontos, a introdução pelo travessão, a interrogação, a exclamação na finalização das orações;
- c) discursivos conversacionais – palavras e expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência no ato de fala. De acordo com Marcuschi (1991) os marcadores conversacionais situam o enunciado no contexto geral, particular ou pessoal da conversação, sem, contudo, contribuir com informações novas.

Desse modo, a presença desses elementos no discurso citado passam mais fielmente para o leitor a ilusão de realidade.

Em relação às opções, havendo envolvimento, engajamento do locutor na fala, a narrativa não pode se tornar lenta, os diálogos imprimem um certo dinamismo à narrativa e, além do mais, os acontecimentos não são habituais, são pontuais. Portanto a opção A está incorreta.

Embora o emprego do presente do indicativo torne o acontecimento mais presente, mais real, mais próximo do leitor, ele não imprime objetividade à fala do personagem, pelo contrário, já que há envolvimento do locutor, esse tempo imprime subjetividade ao discurso. Podemos apontar ainda mais uma incoerência nesse item, pois o tempo presente indica que o relato é feito no momento da ocorrência dos fatos, não após. Desse modo, a opção C está incorreta. O mesmo acontece com a alternativa D, pois, as palavras do personagem são incorporadas ao discurso do narrador no discurso indireto, não no discurso direto. Logo, a alternativa correta é a B. O presente do indicativo torna as cenas ou acontecimentos mais presentes, passando para o leitor a ilusão de verdade e de presenciar a cena no momento em que acontece.

Obras de referência

- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Editora Ática, 1996.p.59-255.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 1996. p.37-48.
- MARCHUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 60-74.



Atividade de Uso da Língua

Questão 8

Habilidades trabalhadas

- *distinguir variações nas formas de introduzir as falas dos personagens;*
- *identificar o ponto de vista do narrador evidenciado na seleção dos verbos dicendi.*

Existem estratégias que são utilizadas na introdução da fala de personagens do texto, que podem variar conforme estilo do autor. Como visto anteriormente, uma dessas estratégias é o uso dos chamados verbos *dicendi* (tais como dizer, falar, perguntar etc.) . Entretanto, a utilização desses verbos não é obrigatória – e isso pode ser visto no trecho de *As Meninas*, uma vez que a autora pouco os usa. Observe, então, no trecho que segue o verbo que estaria sendo utilizado com papel similar ao de um verbo *dicendi* e explique a) que ponto de vista se evidencia no trecho; e b) de que outra forma poderia ser introduzida a fala de Lia no trecho em que se dirige à madre.

“Não consigo mais ficar sentada, me levanto . Assumo o risco. –Não, Madre Alix. Confesso que estou mudando, a violência não funciona, o que funciona é a união de todos nós para criar um diálogo. Mas já que a senhora falou em violência vou lhe mostrar uma (...)”

Resposta Comentada

Professor, no trecho lido considere o verbo “assumir” na estrutura “*assumir o risco*” que, embora não seja um verbo de dizer, pode ser utilizado como tal, implicando um posicionamento da personagem com relação ao conteúdo de sua fala subsequente. São vários os autores da literatura brasileira que utilizam verbos que não os *dicendi* para expressar determinados conteúdos.

Autores como Machado de Assis, Carlos Heitor Cony, Clarice Lispector entre outros utilizam esse recurso na construção de seus textos, o que revela bastante da caracterização psicológica de cada personagem. Garcia (2006:150)⁴ questiona o uso de verbos como fazer na substituição como se vicário fosse. Traz o exemplo de Lima Barreto em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (p.274): “ Já era tempo, fez Carlos...”

Para o caso citado do romance de Lygia Fagundes Telles, Garcia sugere que seria um verbo *sentiendi*, como o exemplo retirado de Memória póstumas de Bras Cubas: “ – *Qual! gemia ele.* No caso, o verbo gemer teria o papel semelhante ao de “assumir o risco”, na obra *As Meninas*.

No item b, observe que a autora utiliza o ponto em vez dos dois pontos para introduzir a fala da personagem. Esta é uma oportunidade para você explicitar aos alunos questões sobre pontuação. Informe sobre as diferenças que se podem encontrar ao pontuar um diálogo. Você pode informar que os verbos *dicendi* permitem a adjunção de adjuntos adverbias e que vem sempre em minúsculas, não importando a pontuação antecedente, por exemplo.

Um outro aspecto que você poderá explorar é a discussão sobre seleção lexical. Escolher um verbo e não outro em determinado contexto interfere de alguma maneira no ponto de vista a ser construído a partir da leitura da obra. Para Simões (2005), por exemplo,

Refinando o foco de abordagem, persegue-se (...) o potencial icônico do texto verbal escrito. Busca-se, portanto, construir um modelo de análise em que o texto seja visto como imagem e observado em suas qualidades sensíveis. Por meio dessas supõe-se serem gerados signos icônicos ou trilhas de iconicidade capazes de estimular a produção de imagens mentais gerenciadoras da semiose, da interpretação.⁵

⁴ GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. 26. Ed. São Paulo: FGV, 2006.

⁵ Simões, Darcilia. “A construção fonossemiótica dos personagens de *Desenredo* de Guimarães Rosa” In *Revista Philologus*, 1997--set-dez/97-p. 67-81) disponível em <http://www.filologia.org> [Revisto e publicado em Simões, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita. Fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006. pp.77-90]

Ou seja, essa discussão poderá ser repassada a seus alunos, evidenciando-se a importância de que a escolha de um determinado vocábulo implica um determinado juízo. E no caso dos verbos *dicendi* isso não é muito diferente. Embora o trecho do romance *As Meninas* não explore tanto esse recurso, seria importante você sugerir outras leituras para aprofundar-se na discussão.

Rodrigues (2005)⁶ apresenta funções estabelecidas pelos verbos *dicendi*, estabelecendo seis categorias:

- a) transitiva;
- b) metalinguística;
- c) argumentativa;
- d) caracterizadora;
- e) coesiva;
- f) expressiva.

As funções são bem delimitadas, tendo em vista que os verbos de dizer são normalmente transitivos; com eles se centraliza atenção no próprio texto; como falado anteriormente, seu uso traduz um determinado juízo de valor; pode-se observar a utilização de verbos de dizer específicos para determinados personagens; os verbos têm o papel de estabelecer elos coesivos no texto; e, além de tudo, alguns verbos deixam transparecer alguns estados de espírito de personagens.



Atividade de Uso da Língua

Questão 9

Habilidade trabalhada

- Reconhecer o discurso direto como meio de presentificar as falas das personagens.

⁶ RODRIGUES, Tânia Maria Bezerra. *Jornalismo e literatura – os protagonistas do discurso pelos verbos dicendi*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2005

Externar a voz de um personagem em uma narrativa, presentificando sua fala, é recurso denominado discurso direto ou reportado. O trecho destacado da obra *As Meninas* é rico em tal recurso, já que apresenta diálogo entre duas personagens: Lia e Madre Álix. Considerando-se essas observações, além do que você já conhece sobre o assunto, pode-se dizer que esse tipo de discurso não se caracteriza pelo uso de:

- a) aspas para a marcação das falas;
- b) um verbo do tipo *dicendi* na introdução das falas;
- c) um verbo *dicendi* ao fim das falas;
- d) travessões no início de cada fala, exclusivamente.

Resposta Comentada

O item que corresponde à resposta correta da questão é a letra D, tendo em vista que:

- a) existem autores que utilizam aspas para introduzir a fala das personagens. A obra *Agosto*, de Rubem Fonseca, é exemplo disso. No texto o autor prescinde do uso de travessões para marcar a fala das personagens;
- b) o verbo *dicendi* pode aparecer tanto no início como no fim das falas, conforme o estilo que o autor queira empreender ao texto. A utilização de travessões é característica das construções com discurso direto, entretanto não é exclusiva.

Professor, ao desenvolver este conteúdo, você terá a oportunidade de explorar aspectos mais formais da construção com discurso direto. Por exemplo, para Rocha Lima (1985:494)⁷, “este processo tem a vantagem de deixar intacta expressividade linguística da frase citada, o que permite ao escritor hierarquizar socialmente as personagens que falam.” Analisando aspectos relacionados ao texto literário, você poderá enxergar se realmente existe essa hierarquização social. Certamente identificará um posicionamento do narrador sobre o que se passa na narrativa – quando estiver tratando especificamente de texto literário.

Entretanto, pode-se ir além e se explorar outros gêneros que não literários, no intuito de trabalhar pontuação, por exemplo. A utilização dos travessões e das aspas podem marcar alteridade, mas também indicar significações novas para as expressões – no caso das aspas –, ou mesmo marcar comentários adicionais – o que acontece com os travessões.

⁷ ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

Cabe a você discutir com os alunos, também, até que ponto a fala direta do personagem não é, na verdade, um empréstimo da fala do relator., como propõe Coulmas (1986).⁸



Atividade de Uso da Língua

Questão 10

Habilidade trabalhada

- Identificar o ponto de vista do narrador evidenciado na seleção dos verbos *dicendi*.

Observe o trecho:

“– Posso lhe dar uma epígrafe? É do Gênesis, aceita? – pergunta e sorri. **Sai da tua terra e da tua parentela e da casa de teu pai e vem para a terra que eu te mostrarei.** É o que você está fazendo – acrescentou. Hesitou um pouco: – É o que eu fiz.”

No trecho lido encontra-se o verbo *dicendi* “perguntar”, que, entretanto, não se mostra suficiente para o que o narrador tenta traduzir do que pensa a personagem. Para que o trecho expressasse com maior exatidão como agiam e pensavam as personagens, ainda há os verbos “sorrir” e “acrescentar” que ajudam a demonstrar que

- Madre Alix expressava preocupação e uma docilidade com a jovem ao aconselhá-la.
- Madre Alix era irônica, pois sabia que a jovem não conhecia o significado da palavra epígrafe.
- Madre Alix estaria apenas exercendo o seu papel de freira ao indicar um versículo bíblico, desejando que a jovem também se torne uma freira.
- Madre Alix age de maneira indiferente com relação ao que sente a personagem Lia.

⁸ COULMAS, F. Reported speech: some general issues. In: COULMAS, F. (ed.) *Direct and indirect speech*. New York: Mouton de Gruyter, 1986.

Resposta Comentada

O item que corresponde à resposta correta é a letra A, tendo em vista que o conselho da mãe está carregado de docilidade e sem julgamento, pelo menos naquele momento do texto. Tanto é o desejo de que a jovem tenha uma vida feliz, que ela usa seu próprio exemplo de vida, sem, entretanto, desejar que a jovem se torne uma freira, mas siga um rumo satisfatório em sua vida.

Aqui você poderá destacar que podem existir contextos em que há a necessidade de uma extensão nos comentários a serem feitos. Isso fica claro pela utilização dos verbos *sorrir* e *acrescentar*. O verbo *sorrir*, especificamente, é utilizado para traduzir a empatia que a freira estabelecia com a jovem naquele determinado momento. Há uma aproximação entre as duas a partir de então. O verbo *acrescentar* surge a partir da necessidade de continuação da fala. O que você poderá explicar aos alunos é que a autora poderia simplesmente trazer o texto de uma única vez. Entretanto, preferiu dividir a fala da freira, traduzindo uma possível pausa.

Mais importante que isso, porém, será você indicar aos alunos que existe a possibilidade de haver mais de um narrador na construção da narrativa como acontece no texto de *As Meninas*. Sobre isso, Charaudeau (2008:196)⁹ afirma que “a narrativa é um jogo de integração ou de encaixamento de histórias, umas nas outras, cada uma tendo o seu próprio narrador”. Isso é fato claro e observável no texto gerador. Todavia, é interessante a discussão proposta pelo linguista francês, que diferencia os narradores como *primário* e *secundário* – sendo narrador primário o que domina o conjunto do texto; secundário, o que tem histórias encaixadas na narrativa maior. No texto gerador, há um narrador primário e cada uma das meninas seria uma espécie de narrador secundário. Cabe identificar os momentos em que uma narrativa passa a integrar a outra, em que momento o narrador secundário assume a função de narrar.

A utilização de um verbo como *sorrir* no contexto destacado pode revelar o que Charaudeau chama de ponto de vista interno – apesar de parecer apenas a descrição de uma cena prosaica. Isso porque naquele ato de fala, especificamente, o sorriso traduz uma aproximação entre as personagens, tanto que vem seguido de um aconselhamento por meio de um versículo bíblico. É importante lembrar que o narrador tem esse papel de intervenção nas identidades das personagens, e isso você poderá apresentar a seus alunos a partir de outros romances.

⁹ CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

Uma sugestão são as obras de Machado de Assis em que essa intervenção é bastante explícita. (Entretanto, pelo fato de a linguagem não ser tão acessível aos alunos, você deverá ter o cuidado de guiar as leituras de forma mais adequada.



Atividade de Produção Textual

Questão 11

Habilidade trabalhada

- *Produzir resumos e romances lidos e testar sua inteligibilidade.*

A seguir propomos duas atividades de produção textual. Se a sua escola for equipada com equipamentos de informática você poderá desenvolver a produção textual utilizando as tecnologias da comunicação e informação pra auxiliá-lo. Caso sua escola não conte com tais equipamentos, a produção textual pode ser desenvolvida ainda assim.

A partir do acervo da sua Biblioteca ou Sala de Leitura escolha um romance para você ler e resumir. Ao resumir procure seguir o seguinte roteiro:

- Indique o nome da obra.
- Indique o nome do autor.
- Diga sobre o que a obra fala ou qual é o seu assunto principal.
- Diga quais são seus assuntos secundários.
- Relacione as personagens principais da trama.
- Responda: a trama tem um antagonista (uma espécie de vilão)? Quem é ele?
- Qual é o principal conflito que a obra apresenta?
- Qual é o clímax (momento principal ou de maior tensão na trama)?
- Como é o desfecho ou final da história?

Junte-se aos seus colegas e passe os resumos para um blog que deve ser criado para a socialização dos resumos feitos.

Resposta Comentada

Propomos uma visita até a Biblioteca escolar ou Sala de Leitura para apresentar o gênero romance aos alunos. Escolha três obras a serem apresentadas. Fale do título da obra, da autoria (biografia) e apresente por escrito, ou oralmente, um breve resumo sobre o tema da obra (sobre o que fala o romance). Lembre-se de que a biblioteca escolar conta com vários títulos do gênero romance como acervo do PNBE (Programa Nacional Biblioteca Escolar). Procure orientar os alunos a escolher um título do gênero romance. Tente criar junto com eles um blog que poderá ser atualizado pela turma com resumos das obras lidas. Trabalhe com eles o que é resumir: apreender de forma concisa, coesa e coerente o assunto e a temática desenvolvida pela obra.

Na obra *Leitura: uma aprendizagem de prazer*, de Suzana Vargas, temos o incentivo à tarefa de resumir como uma atividade de leitura e ressignificação textual pois: “O entendimento da ficção requer também a compreensão da história lida como um todo. Essa compreensão exige uma prática já um tanto esquecida, mas muito comum no meu tempo de escola: o resumo.” (p.53). Em outro momento, a autora se refere a tarefa de resumir da seguinte forma:

Os resumos me parecem importantes na medida em que, com eles, posso reduzir a narrativa a sua unidade mínima e, com isso, mostrar a simplicidade dos enredos. Chegamos, dessa forma, a diversas conclusões e entre elas a uma descoberta essencial: o que importa na narrativa é o que nos é revelado durante o tempo de narração (p.53-54).

A autora chama atenção para o fato de que, resumindo, nós podemos chegar a uma síntese do significado geral da obra e ainda perceber que o elemento mais importante no gênero romance é a forma como se conta uma história, ou seja, a habilidade de transformar um assunto ou um tema qualquer em uma narrativa ficcional.

- VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009 (p.26).



Atividade de Produção Textual

Questão 12

Habilidade trabalhada

- *planejar um texto narrativo mais longo, estabelecendo qual será o tema, o foco narrativo, a época, o cenário, os personagens, o conflito que os faz agir e o desenlace, respeitando a sequência temporal e observando a relação causal entre os eventos a serem narrados.*

A partir do estudo da obra *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles, utilize sua criatividade para produzir um texto mais longo como é o romance diferente do conto e da crônica que são narrativas curtas. Siga as orientações propostas, abaixo:

- Pense em um grupo de amigos (até 3 personagens, podem ser dois meninos e uma menina, por exemplo). Eles se reúnem para marcar um passeio. E o que acontece entre eles?
- Escolha a partir de que ponto de vista você pretende narrar: primeira ou terceira pessoa, ou seja, se o narrador vai contar e participar a história ou se ele apenas vai contar o que acontece com os personagens.
- Imagine um espaço, ou local, onde estão os personagens e onde a história ocorrerá (você pode pensar em uma praça ou shopping, ou mesmo, em qualquer outro local como cenário para sua narrativa).
- Não se esqueça de desenvolver, ainda, os outros elementos, como, por exemplo, tempo (quando acontece a história).
- Você pode criar uma situação ou conflito a ser resolvido, ou seja, os personagens se reúnem e pretendem fazer um passeio juntos, o que eles precisam resolver para que o passeio e realize?
- Dê um final para sua história.

Resposta Comentada

A leitura é um ato criador que ganha maior dimensão quando colocamos em prática a escrita, a partir de textos lidos e de nossa bagagem de conhecimentos. Procure estimular a leitura e a produção textual dos alunos assim como a escrita e reescrita dos seus textos, pois lembramos que, quanto mais treinamos a expressão escrita, melhor nos expressamos. Esta proposta de produção textual pode ser desenvolvida individualmente ou em grupo de até quatro alunos, numa escrita coletiva, por se tratar de um texto relativamente longo. Estipule um número de linhas (entre 30 e 60 linhas). Para desenvolver a atividade sugerimos que mostre aos alunos o link, que se segue, abaixo, onde a autora Lygia Fagundes Telles lê e comenta trecho de sua obra *As Meninas*:

- <http://www.youtube.com/watch?v=XidawAN7rE0>

A produção de textos é uma prática social de linguagem. O que quer dizer que, para participar ativamente da sociedade, como cidadãos da cultura escrita, precisamos ser capazes de escrever textos de gêneros variados como: bilhetes, cartas, email e etc. Estes são textos do dia a dia. Quando lidamos com a leitura de textos literários estamos diante da criação ficcional e podemos ser criativos, usar nossa imaginação. Em obra intitulada *Leitura: uma aprendizagem de prazer*, Suzana Vargas faz uma diferenciação entre leitor (aquele que é capaz de ler ou decodificar o texto) e leitor (aquele que é capaz de ressignificar o texto a partir de sua leitura, ou seja, ele é um criador porque recria pelo imaginário o que lê) e traz o significado latino da palavra ler, *legere*, que significa colher. Citamos a autora:

“Ler, portanto, significa colher conhecimentos, e o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca.” (p.26)

Assim, a prática da leitura e da produção de textos andam juntas e devem ser prazerosas. Em livro de Heloisa Seixas, *O prazer de ler*, a autora apresenta essa relação prazerosa, com a leitura, através da figura do livro amado:

“O livro amado é aquele que, por alguma razão, toca um ponto sutil dentro de nós - e nos prende, nos apaixona de forma irreversível. É aquele livro que nos transporta, que anula o mundo à nossa volta, como num passe de mágica. É aquele livro que nos faz torcer para chegar em casa, sabendo que logo estaremos com ele nas mãos. O livro amado é o que lemos devagar, bem devagar, economizando cada página para que ele dure mais tempo. É o livro que deixa saudades, aquele do qual jamais nos esqueceremos” (p.14).

Sugerimos, ainda, a consulta à obra de Faraco & Moura, *Para gostar de escrever*, onde os autores dedicam a Unidade II ao estudo da narrativa e apresentam várias propostas de produção textual, a partir dos elementos da narrativa: narrador, espaço, tempo, personagens, clímax, enredo.

- FARACO&MOURA. *Para gostar de escrever*. São Paulo: Ática, 2000 (p.18 a 48).
- SEIXAS, Heloisa. *O prazer de ler*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011 (p.14).
- VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009 (p.26).